

## FORMAÇÃO DOUTRINAL: PARA SEMINARISTAS

### I. *Formação: dimensão intelectual*

1.1 A Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis*, de 29/3/1992, distingue *quatro dimensões* da formação dos candidatos ao sacerdócio: formação humana, formação espiritual, formação intelectual e formação pastoral (Cap. V, I). Ainda que as quatro dimensões sejam indissociáveis, nesta palestra vamos focalizar especialmente a formação intelectual, a **formação doutrinal**.

1.2 Para abordarmos esse tema, será bom lembrar três frases do NT, que são complementares, e que nos vão marcar as três partes da palestra:

1) *Ide, ensinai a todas as nações [...] ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi* (Mt 28,19-20);

2) *Quem é de Deus ouve as palavras de Deus* (Jo 8,47);

3) *Jesus começou a fazer e a ensinar* (At 1,1).

→ Primeiro: Os sacerdotes temos o dever de ensinar, tanto a verdade como a vida cristã (*ensinai..., ensinai a observar*); para isso, temos o dever de conhecer a riqueza da Verdade, da doutrina.

→ Segundo: A doutrina – a luz da Verdade, os ensinamentos de Cristo e da Igreja – só podem ser acolhidos e compreendidos por quem *é de Deus*: por quem tem vida espiritual autêntica, por quem está em sintonia de fé e amor com Deus, com Cristo, e, em conseqüência, é dócil ao Espírito Santo, que o *guiará em toda a verdade* (Jo 16,13). Só quem é de Deus e sabe “ouvir” a Deus, poderá ensinar e ajudar os fiéis a “ouvirem” a Deus.

→ Terceiro: Para ensinar bem, é preciso começar a fazer, a viver o que se ensina, ou seja, a dar exemplo (*coepit facere et docere*).

Vamos deter-nos um pouco em cada um desses itens.

### II. Conhecer a doutrina

2.1 – *A mensagem que ouvimos e vos anunciamos é esta: Deus é luz e nele não há trevas* (I Jo 1, 5).

– *A graça e a verdade vieram por Jesus Cristo* (Jo 1, 17). *Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não caminha nas trevas, mas terá a luz de vida* (Jo 8, 12).

– *Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, Ele vos guiará em toda a Verdade* (Jo 16,13).

Como vemos, há no Novo Testamento uma referência às três Pessoas divinas como Verdade e fonte da Verdade.

Portanto, podemos dizer que a doutrina cristã é a Verdade que vem de Deus, que foi trazida por Jesus Cristo e que a Igreja aprofunda constantemente, assistida pelo Espírito Santo. Não surge de nós: tem que ser conhecida, “ouvida” (*fides ex auditu*: Rm 10,17), aprofundada (*meditada no coração*: cf. Lc 2,19) e, como veremos depois, “vivida” (ser alguém que ensina bem porque “*pratica a Verdade*”: Jo 3,21).

O início e a base de tudo, como é lógico, é conhecer, ter-se aberto à verdade, tê-la conhecido profundamente e tê-la assimilado. Como dizia São Josemaria Escrivá: “É preciso formar-se, é preciso estudar. Deus não nos deu a inteligência, e depois a luz sobrenatural da fé para o nosso exclusivo benefício, mas para que façamos chegar a sua fé até os últimos confins da terra. Portanto, temos a obrigação de formar-nos: obrigação de formar-nos bem doutrinalmente, obrigação de preparar-nos para que nos entendam; para que, além disso, os que nos escutam saibam depois expressar-se” (Carta, 1932).

Para isso, é preciso assumir seriamente –com mentalidade “profissional”, não de amador –o estudo da filosofia e da teologia, tendo em conta esta orientação do Magistério:

“A formação intelectual do futuro sacerdote baseia-se e constrói-se sobretudo sobre o estudo da *sacra doctrina*, da Teologia. O valor e a autenticidade da formação teológica dependem do respeito escrupuloso pela própria natureza da Teologia [não é uma “ciência humana”, como a psicologia, a sociologia], que os Padres sinodais [do Sínodo dos Bispos de 1990] compendiarão do seguinte modo: «A verdadeira Teologia provém da fé e quer conduzir à fé». É esta a concepção que a Igreja, e o seu Magistério de forma especial, têm constantemente proposto [...]. O teólogo é, antes de mais nada, um crente, um homem de fé, um crente que se interroga sobre a própria fé (*fides quaerens intellectum*), e o faz com o fim de atingir uma compreensão mais profunda da própria fé” (*Pastores dabo vobis*, n. 53).

2.2 Falando a seminaristas em Colônia, nos dias da Jornada Mundial da Juventude, no dia 19 de agosto de 2005, Bento XVI dizia-lhes: “O seminário é um tempo destinado à formação e ao discernimento. A formação, como bem sabeis, tem várias dimensões que convergem na unidade da pessoa: essa compreende o âmbito humano, espiritual e cultural. Seu objetivo mais profundo é o de fazer conhecer intimamente aquele Deus que em Jesus Cristo nos mostrou seu rosto. Por isto é necessário um estudo profundo da Sagrada Escritura como também da fé e da vida da Igreja, na qual a Escritura permanece como palavra viva. Tudo isto deve enlaçar-se com as perguntas de nossa razão e, portanto, com o contexto da vida humana de hoje. Este estudo, às vezes, pode parecer pesado, mas constitui uma parte insubstituível de nosso encontro com Cristo e de nosso chamado a anunciá-lo. Tudo contribui a desenvolver uma personalidade coerente e

equilibrada, capaz de assumir validamente a missão presbiteral e levá-la a cabo depois, responsabilmente”. É uma síntese lúcida, cheia de beleza, da necessidade da formação para amadurecer na essência e no sentido da vocação sacerdotal.

2.3 Com base nessas reflexões, vejamos algumas coisas concretas que convém rever e talvez renovar, com propósitos bem determinados e eficazes:

– Hoje é fácil estar metidos num caleidoscópio de fragmentos. Há muita informação, muitas publicações, material farto acumulado no computador e na palm, acesso a uma grande variedade de textos pela Internet, a um acúmulo de publicações... Isso, bem aproveitado – começando por saber separar o trigo do joio –, pode ser muito útil; mas tem o perigo de que fiquemos apenas com doutrina de tico-tico, porque só nos dedicamos a dar bicadinhas, sem estudar ou ler a fundo obras inteiras, sem uma visão de conjunto, sem uns alicerces sólidos e completos de doutrina.

– Para isso, precisamos perceber a importância do estudo sério e sistemático dos principais tratados teológicos e dos documentos pontifícios: do começo ao fim, não só como leituras parciais de curiosidade, ou de “obrigação” para as provas do seminário. Naturalmente, quando o seminarista “sabe” que um livro ou uma apostila de teologia dogmática, de moral, de história da Igreja, etc. (por mais que os professores o usem e recomendem) se afasta do Magistério da Igreja, tem a *obrigação grave em consciência* de procurar e de estudar (como tarefa pessoal complementar) uma bibliografia séria, que esteja de acordo com o Magistério e seja de nível elevado

– Tenhamos em conta que só o mosaico completo e harmônico de uma doutrina básica e certa bem assimilada e aprofundada permite compreender e utilizar com eficácia (na pregação, na pastoral, na catequese) a Sagrada Escritura, os textos patrísticos, as Encíclicas e outros documentos dos Papas e dos dicastérios da Santa Sé, bem como alguns livros importantes dos Papas que, embora não constituam atos do Magistério, alimentam a doutrina e estimulam a reflexão (p.e. *Cruzando o limiar da esperança*, *Levantai-vos! Vamos!*, *Memória e identidade*, de João Paulo II; *Jesus de Nazaré* e outros muitos de Ratzinger-Bento XVI).

– Além disso, é necessário ter a humildade e a prudência de consultar a quem nos possa aconselhar com segurança sobre livros de estudo e de complementação da formação intelectual, filosófica e teológica. Sabemos que todo seminarista e padre tem o perigo de andar como os atenienses, “à procura de novidades” (At 17,21); não nos esqueçamos de que, ao lado de abundantes publicações ambíguas ou erradas, estão sendo editados (em português, em espanhol) tratados teológicos completos excelentes, cada vez melhores e mais atualizados, em plena sintonia com o Magistério.

– Lembremos, por outro lado, que os dois últimos Papas (é um tema constante na pregação de Bento XVI) não cessam de recomendar o estudo

permanente do *Catecismo da Igreja Católica* e do *Compêndio*. É importante, talvez, propor-nos (para a vida inteira) ler em cada ano, devagar e tomando notas, uma parte concreta do Catecismo da Igreja.

– Ao lado disso, cada vez é mais urgente, imprescindível, aprofundar na doutrina sobre os problemas atuais mais vivos, como questões sobre o matrimônio, bioética, etc.. Tenhamos em conta que muitas vezes será necessário vencer a inércia, o cansaço e a falta de tempo, para consultar, ler e estudar textos tão ricos de doutrina como o *Compêndio de doutrina social da Igreja* e o *Lexicon*.

2.4 Finalmente, vale a pena meditar o que escrevia João Paulo II: “quanto mais somos formados, mais sentimos a exigência de continuar a melhorar a formação; assim como, quanto mais somos formados, mais nos tornamos capazes de formar os outros” (Exortação Apostólica *Christifideles laici*, n. 63).

### **III. Piedade e doutrina**

3.1 Santo Agostinho dizia: *intellectui fides aditum aperuit, infidelitas clausit – a fé abre a porta à inteligência dos mistérios, a infidelidade a fecha*. (Epístola 137,15).

São Josemaria Escrivá dizia: “A teologia estuda-se bem quando a matéria de estudo se faz matéria de oração. Imagino que isso devia fazer Santo Tomás, de quem se afirma que dizia que seu livro era o Crucifixo. Assim chegava a ter luzes, que só com a cabeça não se adquirem” (Da pregação oral de Mons. Escrivá).

Sabemos bem que a piedade sem doutrina acaba reduzindo-se a sentimentalismo, a beatice. Mas também a doutrina, sem a piedade, sem uma vida interior madura e um desejo sincero de santidade, fica sendo mera teoria. Sem a luz e o calor do Espírito Santo, sem “o êxtase do amor” por Deus e pelas coisas de Deus, a doutrina descamba em algo frio e inoperante, que não atinge ninguém. Pior ainda, a doutrina sem a piedade (sem fé e amor) acaba sendo rebaixada ao nível das ciências humanas (como já dizíamos), do meramente opinável, ou – o que é pior – manipula-se a serviço de uma ideologia (chame-se ideologia marxista, ou laicista, ou “ecologista”, ou “pseudo-ecumenista”, ou New Age...).

A fusão de piedade e doutrina é expressada admiravelmente por São Paulo na Carta aos Efésios: *...que sejais poderosamente robustecidos pelo seu Espírito em vista do crescimento do vosso homem interior. Que Cristo habite pela fé em vossos corações, arraigados e consolidados na caridade [...], a fim de que possais compreender, com todos os santos [...] o amor de Cristo, que desafia todo o conhecimento, e sejais cheios de toda a plenitude de Deus* (Ef 3, 16-19).

Só a alma de vida interior tem os auxílios do Espírito Santo, e chega à verdadeira inteligência, ciência, sabedoria (os dons do Espírito Santo)..., ao *recta*

*sapere* e ao *dulce sapere*, imprescindível para transmitir, com calor e com fruto, a doutrina, de modo a sermos compreendidos, cativar as almas e levá-las para Deus.

Por isso, é importantíssimo que os que têm ou venham a ter funções de governo ou docência em seminários considerem se estão ajudando de verdade a si mesmos e aos seminaristas (a mesma coisa é aplicável aos fiéis que nos forem confiados) a captar, vibrar, entender com a inteligência novas luzes da única e eterna Verdade, novas “descobertas” de fé (como novos tesouros de uma mina), que deverão transmitir por meio de conversas que “iluminem”, de pregações bem feitas, de leituras aconselhadas e comentadas, etc. Deveríamos fazer nós, constantemente, essas “descobertas” (que, se nos entusiasmarem, transmitiremos depois com calor) sobre Deus, a Trindade, Jesus Cristo, o Espírito Santo e a graça, a filiação divina, a ciência da Cruz, o significado da Maternidade de Maria, o que é a oração e o trato com Deus, os ensinamentos do Magistério da Igreja, etc.

Como diz João Paulo II na E.A. *Pastores dabo vobis*, n. 46: “Só se os futuros sacerdotes, por meio de uma adequada formação espiritual, tiverem de fato, uma consciência profunda e experiência crescente deste «mistério» [o mistério de Cristo], poderão comunicar aos outros tão surpreendente e beatificante anúncio (cf. 1 Jo, 1,1-4)”. E, no mesmo documento (n. 53), cita São Boaventura: “Ninguém pense que lhe baste a leitura sem a unção, a especulação sem a devoção, a busca sem o assombro, a observação sem a exultação, a atividade sem a piedade, a ciência sem a caridade, a inteligência sem a humildade, o estudo sem a graça divina, a investigação sem a sabedoria de inspiração divina” (*Itinerarium mentis in Deum*, Prol., n. 4).

3.2 No livro *Levantai-vos! Vamos!* (pág. 111), João Paulo II escreve umas palavras que vale a pena gravar: “Hoje é necessária muita criatividade para aprender a dialogar sobre a fé e sobre questões fundamentais para o homem. Precisamos de pessoas que amem e pensem, porque a criatividade vive de amor e de pensamento, e é ela que vai alimentar o nosso pensamento e acender o nosso amor”.

“O decisivo –dizia alguém, numa palestra para seminaristas– é o que o outro entende, não o que nós queremos dizer”. E acrescentava, com palavras semelhantes a estas: “Se nos sentimos capazes de explicar alguma coisa, de forma breve e compreensível, a uma pessoa que a desconhece, significa que nós a assimilamos bem. Pelo contrário, se faltar clareza, ordem e convicção para expor a doutrina cristã, pode ser que os conhecimentos estejam um pouco embaralhados. É conhecida a desculpa dos maus estudantes: *eu sei, mas não consigo explicar bem*; na realidade, não aprendeu bem e procura uma justificativa”.

3.3 Em relação à formação doutrinal sobre temas candentes de atualidade, pode ajudar-nos lembrar um trecho do n. 51 da Carta Apostólica *Novo millennio ineunte* (6-I-2001), sobre o modo de transmitir verdades sobre valores éticos de Lei divina natural: “É importante fazer um grande esforço para explicar adequadamente os motivos da posição da Igreja, sublinhando sobretudo que não

se trata de impor aos não crentes uma perspectiva de fé, mas de interpretar e defender valores radicados na própria natureza do ser humano. A caridade tomará então necessariamente a forma de serviço à cultura, à política, à economia, à família, para que em toda a parte sejam respeitados os princípios fundamentais de que depende o destino do ser humano e o futuro da civilização”.

Também a “Nota doutrinal” da Congregação para a Doutrina da Fé sobre católicos na política (de 24-XI-2002,III,n.5) frisa que, na atualidade, é importante mostrar que as exigências da lei natural não são, em si mesmas, *valores confessionais*, mas que, por estarem radicadas no ser humano, “não exigem, da parte de quem as defende, a profissão da fé cristã, embora a doutrina da Igreja as confirme e tutele, sempre e em toda a parte, como um serviço desinteressado à verdade sobre o homem e ao bem comum das sociedades civis”.

#### ***IV. Exemplo e doutrina***

4.1 *Começou a fazer e ensinar* (At 1,1). No seu comentário a Mt 5,13-16 (*sal., luz*), S. Tomás pergunta por que o Senhor antepõe o sal à luz, e responde – citando S. João Crisóstomo (*In Matth. Ev.,V,4*) – que “antes é a vida que a doutrina”, pois “a vida conduz ao conhecimento da doutrina”.

São Josemaria resumia este mesmo pensamento numa das suas pregações: “Sal, com o testemunho da vossa vida cristã; luz, com a vossa doutrina. O Senhor pede-nos o apostolado do exemplo e o apostolado da doutrina”.

Convençamo-nos de que o cristianismo não é uma “religião do livro”, não se reduz a conhecer e estudar um livro, a Bíblia, uma vez que não é uma filosofia ou um sistema de pensamento, e menos ainda uma ideologia; também não é um *método*, entre outros, para se chegar a Deus. Cristianismo é vida – humana e divina ao mesmo tempo –, e por isso onde melhor de vê e se compreende é na vida dos santos.

No trabalho sacerdotal –e já antes, na colaboração dos seminaristas com as diversas pastorais –, é preciso perceber bem claramente a importância de viver as virtudes, que são sinais de santidade (de procura da santidade), e evitar os defeitos que são totalmente impróprios de um santo e desacreditam a pregação: falta de compostura e obediência na liturgia da Missa, “ausência” em relação ao Sacrário (nunca se vê o seminarista adorando nem fazendo oração), falta de sobriedade, preguiça no aproveitamento do tempo, rudeza ou grosseria ao tratar com os fiéis, leviandade e imprudências no modo de olhar e tratar com as mulheres, abuso de tv e Internet, detalhes de egoísmo, queixas ante o sacrifício, etc.

São Josemaria costumava repetir: “Não podemos ensinar o que não praticamos; pelo menos, temos de ensinar o que lutamos por praticar”. Aí está uma exigência básica de sinceridade (como lutamos por melhorar, por viver o que

temos obrigação de ensinar?), e uma garantia da eficácia da transmissão da doutrina (doutrina dogmática, moral, bíblica, ascética, etc.).

Achamos, porventura, que o que converteu os primeiros cristãos foi a “novidade” da doutrina que os Apóstolos ensinavam? Não. Foi, acima de tudo, o “teor singular e admirável da sua vida”, como diz a *Epístola a Diogneto*; foi a caridade que –segundo Tertuliano – levava os pagãos a exclamar: “Vede como se amam!”, foi o exemplo de uma vida “diferente”, santa, que atraía, assombrava e incitava a imitar, ao mesmo tempo que dava credibilidade ao que eles pregavam. Os ouvintes saboreavam primeiro o sal, a vida, a santidade, o comportamento informado pela fé e a caridade; depois, atraídos por esse exemplo e pela alegria que irradiava da santidade dos discípulos de Cristo, abriam as suas almas à doutrina, ansiosos por conhecer o “segredo” que movia os cristãos a uma vida tão maravilhosa.

São coisas que fazem pensar, e que convém meditar demoradamente, para tirar delas conseqüências práticas.

(Pe. Francisco Faus)